CENTRO UNIVERSITÁRIO DO VALE DO ARAGUAIA- UNIVAR
GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

LIBERDADE DE EXPRESSÃO VERSUS DISCURSO DE ÓDIO: UMA ANÁLISE PSICOSSOCIAL COM ACADÊMICOS LGBTQIA+ DO CENTRO UNIVERSITÁRIO DO VALE DO ARAGUAIA.

MARIA EDUARDA AMBROZIO NASCIMENTO

Barra do Garças - MT, outubro de 2024.

CENTRO UNIVERSITÁRIO DO VALE DO ARAGUAIA- UNIVAR
GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

LIBERDADE DE EXPRESSÃO VERSUS DISCURSO DE ÓDIO: UMA ANÁLISE PSICOSSOCIAL COM ACADÊMICOS LGBTQIA+ DO CENTRO UNIVERSITÁRIO DO VALE DO ARAGUAIA.

MARIA EDUARDA AMBROZIO NASCIMENTO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como pré-requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário do Vale do Araguaia, sob orientação da Professora Esp. Amanda Lúcia Kollett.

Barra do Garças - MT, outubro de 2024.

LIBERDADE DE EXPRESSÃO VERSUS DISCURSO DE ÓDIO: UMA ANÁLISE PSICOSSOCIAL COM ACADÊMICOS LGBTQIA+ DO CENTRO UNIVERSITÁRIO DO VALE DO ARAGUAIA.

Maria Eduarda Ambrozio Nascimento[1] Amanda Lúcia Kollett[2]

RESUMO

O discurso de ódio representa um obstáculo para o estado democrático de direito, pois conflita com as fronteiras da liberdade de expressão, especialmente com a popularização da internet e das mídias sociais. Embora a liberdade de expressão seja um direito fundamental, ela frequentemente é usada para justificar atitudes discriminatórias, como os ataques à comunidade LGBTQIA+. Este estudo analisou como a interação entre liberdade de expressão e discurso de ódio afeta psicossocialmente os acadêmicos LGBTQIA+ do Centro Universitário do Vale do Araguaia (UNIVAR). A investigação explorou as percepções, experiências e estratégias de enfrentamento desses estudantes diante de manifestações de discriminação, além de examinar a influência da liberdade de expressão na construção de um ambiente acadêmico inclusivo. Os dados foram coletados por meio do questionário online na plataforma *Google Forms*. Os resultados sugerem a necessidade de ações de conscientização para criar um ambiente acadêmico mais equitativo, respeitando as diversidades sexuais.

Palavra-Chave: Discriminação, Diversidade sexual, Conscientização, Estratégias.

ABSTRACT

Hate speech represents an obstacle to the democratic rule of law, as it conflicts with the boundaries of freedom of expression, especially with the popularization of the internet and social media. Although freedom of expression is a fundamental right, it is often used to justify discriminatory actions, such as attacks on the LGBTQIA+ community. This study analyzed how the interaction between freedom of expression and hate speech psychosexually affects LGBTQIA+ students at the Centro Universitário do Vale do Araguaia (UNIVAR). The investigation explored the perceptions, experiences, and coping strategies of these students in response to discriminatory manifestations, as well as examined the influence of freedom of expression on building an inclusive academic environment. Data were collected through an online questionnaire on the Google Forms platform. The results suggest the need for awareness-raising actions to create a more equitable academic environment that respects sexual diversities.

Keyword: Discrimination, Sexual diversity, Awareness, Strategies.

1. INTRODUÇÃO

O discurso de ódio constitui um enorme desafio para o estado democrático de direito, pois vai de encontro com os limites da liberdade de expressão. Trata-se de uma problemática arcaica, porém com a facilidade de acesso à internet e a popularização das mídias se potencializou desenfreadamente, gerando consequências nas sociedades atuais. Falas ofensivas e segregativas

[1] Discente do Curso Bacharel em Psicologia do Centro Universitário do Vale do Araguaia, Barra do Garças, Mato Grosso, Brasil. E-mail: Maria.ambrozio.psi@gmail.com.

[2] Docente do Curso Bacharel em Psicologia do Centro Universitário do Vale do Araguaia, Barra do Garças, Mato Grosso. Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário do Vale do Araguaia (2020). Graduada em Gestão em Segurança Pública (2016). Especialista Psicologia do trânsito; Psicologia e desenvolvimento Humano com ênfase na adolescência; Psicologia da sexualidade; Servidora Pública SESP/MT. E-mail: amandaluciakollett@gmail.com.

que antes eram restritas pela moralidade, passaram a ser disseminadas com velocidade, até terem alcance global. A expressão discurso de ódio remete um conceito ambíguo, utilizado para tratar de questões heterogêneas, que quando visualizadas em conjunto não apresentam características semelhantes.

Para Brown (1996 *apud* Costa *et al.*, 2020, p. 50):

> Essa heterogeneidade própria do discurso de ódio não inviabiliza a percepção do fenômeno, que pode ser identificado através de um conjunto de características cruzadas que, em seu conjunto, formam aquilo que Wittgenstein denominou de "semelhanças de família"', ou seja, um conjunto de objetos que possuem semelhanças entre si, sem compartilharem uma essência ou característica comum a todos eles.

O discurso de ódio antes de tudo, é um fenômeno social complexo que se refere a situações diversas. O homem sendo um indivíduo socialmente constituído nas suas relações que estabelecem com outros humanos e grupos, pode se dizer que os fenômenos sociais impactam no modo como esse sujeito se constrói e interage com os padrões e condutas de sua cultura.

Nas últimas décadas têm-se presenciado o aumento da intolerância e da violência em suas mais variadas formas de manifestação, diante deste cenário têm-se percebido o discurso de ódio motivados pela crença na superioridade ou inferioridade em função de características de sujeitos ou grupos sociais (raça, religião, orientação sexual e ideologias). A comunidade LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Queer, Intersexo, Assexuais e outros grupos que possam surgir) vem constantemente sofrendo ataques preconceituosos e discriminatórios. A população mencionada tem buscado conquistar seu lugar na sociedade, lutar para superar a marginalização e ser reconhecida como cidadãos com direitos. Além disso, os discursos de intolerância que enfrentam não devem ser amparados pela liberdade de expressão, pois vão contra os objetivos da Constituição Federal e os direitos humanos (Oliveira e Castro, 2021).

A teoria dos domínios sociais aponta que a exposição dessas falas contribui para a formação de julgamentos que enfraquecem o respeito à diversidade humana. Nesse contexto, observa-se que a principal justificativa para a disseminação dessa narrativa está nos princípios da liberdade de expressão, utilizando-a como base para a propagação do ódio.

Neste seguimento, ao refletir sobre as questões que envolvem a orientação sexual, ouve-se muitos discursos intolerantes e rotulando a homossexualidade como algo dos “tempos modernos” dando a entender que há algumas gerações atrás não existiam relações homo afetivas, especialmente entre aqueles que, de alguma maneira, tentam deslegitimar as orientações sexuais e identidades de gênero que foge dos padrões preestabelecidos.

No entanto, a literatura aponta que relações afetivas que fogem ao padrão socialmente aceito sempre estiveram presentes, e na Grécia, por volta do século V a.C., havia plena liberdade para sua manifestação (Oliveira e Castro, 2021).

O primeiro registro que tivemos acerca da homossexualidade data de 4500 anos antes de Cristo, ocorrendo entre Oros e Seti, na sociedade egípcia. Ela sempre existiu, em todos os povos e nos mais diferentes status sociais (Guimarães, 2005). Nessa mesma época pode-se encontra registros de reações entre mulheres com o reconhecimento da primeira e mais famosa lésbica da história a Safos de Lesbos, que originou o termo lesbianismo para se referir a práticas sexuais realizadas por mulheres. Os registros sobre homossexualismo são tão antigos, datam de 4.500 anos antes de Cristo, pode se afirmar que a homossexualidade é quase tão antiga como a própria história da humanidade.

De acordo com Guimarães (2009, p. 555), “a sexualidade humana manifesta-se através de padrões culturais historicamente construídos e determinados, sendo que a sociedade se incumbe de reforçá-los”. Cabe ressaltar que a expressão da sexualidade é marcada por períodos de livre manifestação como também por períodos de fortes repressões.

Para a psicologia o homem que faz sua própria condição de ser homem, ou seja, ele em seu existir constrói significados para seus comportamentos e pensamentos através da suas relações com todos os campos em que sua existência se entrelaçam, dito isso a sexualidade e questões ligadas a gêneros são impostam por normas morais apoiadas principalmente pela igreja e pelo estado limitando as possibilidades de ser. “Gênero e sexualidade normatizadas são construídas através da evitação do contato com a novidade, tendo destaque os hábitos inibitórios que irão conter o excitamento, interferindo na *awareness*, na espontaneidade, na agressividade, na criatividade” (Alvim *et al.*, 2018, p. 337).

No artigo "O desafio histórico de tornar-se um homem homossexual: um exercício de construção de identidades", Guimarães (2009, p. 556) faz referência ao texto "As sensações sexuais contrárias", no qual a homossexualidade é definida como um desvio sexual, caracterizado como uma inversão de gênero.

A partir dessa concepção, a homossexualidade passou a ser vista como uma forma de degeneração, o que levou à imposição de proibições às relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo, além de severas punições, como apedrejamento, decapitação, afogamento e outras formas de violência e agressão. Na sociedade atual não existem mais formas tão brutas de violências como as citadas acima, “entretanto cabe ressaltar que pessoas LGBTQIA+ continuam sofrendo ataques discriminatórios e homofóbicos visto que o Brasil é um dos campeões mundiais em

crimes homofóbicos, onde a cada dois dias um homossexual é assassinado no Brasil" (Mott e Cerqueira, 2001 *apud* Guimarães, 2009).

De acordo com Ommati (2023), a liberdade de expressão no Brasil está vinculada à promulgação da Constituição Federal de 1988, em um contexto pós-Ditadura Militar, quando o direito à livre expressão foi suprimido da sociedade. As regulamentações estabelecidas pelo Estado para a população funcionam como ferramentas biopolíticas, com o objetivo de controlar os corpos dóceis, que podem ser negativamente impactados pelo uso inadequado de tecnologias destrutivas. No entanto, também tenta exercer algum controle sobre aqueles que conduzem a transferência do poder de gestão necessário para equilibrar as liberdades envolvidas.

No contexto das relações formadas por meio dos avanços tecnológicos, ao longo do século XX e início do século XXI, o campo das comunicações concentrou-se no uso massivo das redes globais de computadores e da Internet. Ao longo do tempo, a regulamentação do que se faz na internet tem suscitado preocupações, que atingiram o cenário mundial. Com os devidos ajustes na gestão de acordo com a ordem social, os efeitos jurídicos que criam instabilidade nas relações são assimilados pelo uso da Internet.

No campo da Psicologia, a moralidade é abordada por diversas correntes teóricas e metodológicas, como afirma Biaggio (2006 *apud* Monte *et al.*, 2021, p. 60). Esses estudos têm o objetivo de entender os processos que influenciam a adoção e o desenvolvimento de valores e critérios de ação pelos indivíduos, como destacam Martins e Branco (2001 *apud* Monte *et al.*, 2021, p. 337). Dessa forma, é possível perceber que a moralidade não é vista de forma uniforme, mas sim como um fenômeno complexo que envolve múltiplas dimensões e influências.

Neste campo, destacam-se os trabalhos de importantes psicólogos como Piaget (1994) e Kohlberg (1992), que trouxeram em seus trabalhos propostas de que o desenvolvimento moral se dirige a noção de respeito mútuo. A liberdade de expressão e o discurso de ódio são dois conceitos que frequentemente entram em conflito na sociedade atual. Enquanto a liberdade de expressão é um direito fundamental que garante a possibilidade de expressar opiniões, ideias e pensamentos livremente, o discurso de ódio envolve a disseminação de mensagens que incitam a violência, a discriminação e o preconceito contra determinados grupos ou indivíduos (Costa, 2020).

É importante ressaltar que a liberdade de expressão não é absoluta e encontra limites quando entra em conflito com outros direitos fundamentais, como a dignidade humana, a igualdade e a não discriminação. Nesse sentido, o discurso de ódio é considerado uma forma

de expressão que ultrapassa esses limites, pois causa danos reais a pessoas e grupos, promovendo a intolerância e a exclusão.

Embora seja desafiador definir exatamente o que constitui o discurso de ódio, é possível identificar algumas características comuns, como a incitação à violência, o estereótipo e a difamação de grupos específicos, bem como a criação de um ambiente hostil e degradante para sua identidade. É importante ressaltar que o impacto do discurso de ódio não se limita apenas às vítimas diretas, mas também afeta a sociedade como um todo, minando os princípios de inclusão, respeito mútuo e convivência pacífica.

Por meio de uma análise abrangente e aprofundada, espera-se contribuir para o desenvolvimento de práticas que promovam uma cultura de respeito mútuo, diversidade e inclusão, conciliando a proteção dos direitos individuais com a promoção da coesão social e da igualdade de oportunidades para todos os membros da sociedade.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Esta pesquisa investigou como a interação entre a liberdade de expressão e o discurso de ódio afeta psicossocialmente os acadêmicos LGBTQIA+ do Centro Universitário do Vale do Araguaia - UNIVAR. Segundo Gil (2008), a pesquisa descritiva-exploratória qualitativa busca compreender questões complexas através da exploração detalhada e da descrição das experiências e percepções dos participantes. Este método permite a descoberta de novos insights e a geração de hipóteses, utilizando técnicas como entrevistas em profundidade, grupos focais e análise de teorias.

O estudo ocorreu com acadêmicos do Centro Universitário do Vale do Araguaia - UNIVAR no município de Barra do Garças no estado de Mato Grosso. Os contribuintes para o trabalho são acadêmicos dos vários cursos que a faculdade proporciona, a pesquisa não se limitou a um curso especifico. A faculdade possui em média mais de três mil alunos matriculados, porém como o grupo a ser pesquisado é exclusivamente LBGTQIA+ o número de acadêmicos diminui, visto que a grande parte dos alunos são heterossexual.

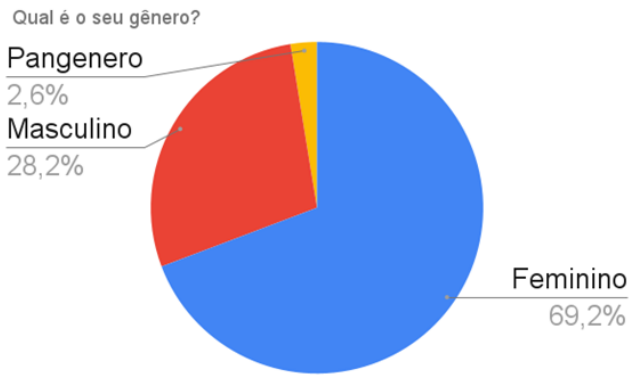
A coleta de dados foi realizada com tempo estimado de vinte minutos, visto que foi feita de forma remota necessitando somente de um smartphone e conexão com a internet, foi disponibilizada por meio de um link ou por um QR *code* gerado e entregado aos alunos em suas salas de aula, através desses meios de coleta de dados foram alcançados trinta e nove contribuintes para a pesquisa.

Foi utilizado como ferramenta para elaboração um questionário eletrônico e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), sendo o formulário construído através da plataforma *Google Forms*. Esse meio de coleta de dados foi escolhido devido ao maior alcance proporcionado pela era tecnológica em que vivemos. A coleta de dados ocorreu por meio de um questionário semiestruturado, seguindo um roteiro adaptado conforme a necessidade da pesquisa, com o objetivo de mensurar como os discursos de ódio impactam as atitudes, emoções e o modo de ser de acadêmicos LGBTQIA+ do Centro Universitário do Vale do Araguaia - UNIVAR. Os alunos entrevistados concordaram em participar da pesquisa ao assinarem o TCLE. Os dados coletados foram analisados, tabulados e organizados em uma planilha Excel, resultando em informações que serão apresentadas ao longo deste trabalho.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A coleta de dados da pesquisa foi realizada entre os dias 14 de junho a 26 de setembro de 2024, com a participação de 39 estudantes de diversos cursos oferecidos pelo Centro Universitário do Vale do Araguaia - UNIVAR. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Os dados revelaram que 84,6% dos participantes têm idades entre 18 e 24 anos, 7,7% estão na faixa etária de 25 a 34 anos, e 7,7% têm entre 35 e 44 anos. A grande maioria dos acadêmicos, 97,4%, se identifica como parte da comunidade LGBTQIA+. Em termos de gênero, 69,2% se identificam como mulheres, 28,2% como homens e 2,6% como pangêneros. O período de coleta foi estrategicamente definido para possibilitar a participação de um número expressivo de estudantes, permitindo que contribuíssem com suas percepções sobre liberdade de expressão e discurso de ódio. Ao final, a amostra obtida foi considerada representativa e relevante para a análise (Gráfico 01).

Gráfico 01 - Gênero dos entrevistados.



Fonte: Autoria Própria.

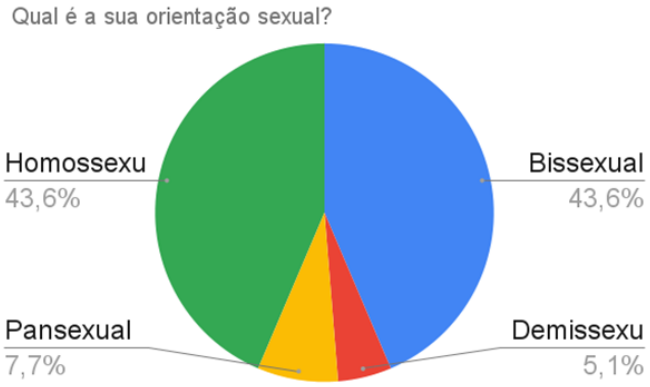
Para Nogueira (2001 *apud* Ferrão, Carvalho e Coacci, 2019, p. 26), “gênero não é visto como algo estável, mas como uma construção a partir das relações mantidas entre indivíduo e sociedade”. Entendemos que falar de gênero não significa falar apenas de mulher (nem mesmo de um único modelo de mulher), mas, sobretudo, questionar como construímos as categorias “mulher” e “homem”. Existe um típico binarismo de gênero imposto por nossa cultura que, aliado a essa perspectiva essencialista, insiste em conceber o ser humano a partir de polos opostos: masculino versus feminino; dominador versus dominado.

Na pesquisa observa-se um número maior de participantes femininas isso se dá devido á serem historicamente alvo de sexismo e violências o que resulta em uma maior sensibilidade em relação a temas como o do presente trabalho. Dada sua posição histórica de vulnerabilidade tanto no contexto de gênero quanto nas questões relacionadas à comunidade LGBTQIA+. Segundo Engel (2004 *apud* Zanello, 2020, p. 11) “a construção da imagem feminina a partir da natureza e das suas leis implicaria em qualificar a mulher como naturalmente frágil, bonita, sedutora, submissa, doce, etc. Aquelas que revelassem atributos opostos seriam consideradas seres antinaturais". Essa visão reforça estereótipos limitantes, que restringem a mulher a uma imagem idealizada e desconsideram a diversidade de experiências e características.

> A orientação sexual, em uma perspectiva crítica, é contingencial, não está inscrita na ordem da natureza, tão pouco na ordem transcendental; a orientação sexual é mera possibilidade. Ela pode ser mudada, se experimentada como identidade, pode ser praticada, inviabilizada, fixada e, até mesmo, aniquilada. (Ferrão, Carvalho e Coacci, 2019, p. 152-153).

Quanto à orientação sexual dos participantes, a maioria se identifica como homossexual ou bissexual, ambos com 43,6%. Além disso, 7,7% dos participantes se identificaram como pansexuais, e 5,1% como demissexuais, termo que se refere a pessoas que só experimentam atração sexual quando há uma conexão emocional profunda (Gráfico 02).

Gráfico 02 - Orientação sexual dos participantes.



Fonte: Autoria Própria.

Dando segmento as perguntas fechadas do questionário foram indagadas se os entrevistados tinham sido alvo de discurso de ódio no ambiente acadêmico ou de trabalho, visto que depois do grupo familiar esses são os locais onde os indivíduos passam a maior parte do tempo.

Para Alvim *et al.* (2022), ao longo da vida, passamos por diversas instituições, como família, escola, igreja e trabalho, que nos impuseram uma série de normas. Essas relações, tanto materiais quanto imateriais, gradualmente formaram uma pressão constante para moldarmos nossas personalidades.

A reposta obtida foi que 61,5% nunca presenciaram ou foram alvo de discurso de ódio enquanto 35,9% já presenciaram situações que envolvam a presença de discursos odiosos e 2,6% dos entrevistados presenciaram tal situação no ambiente de trabalho.

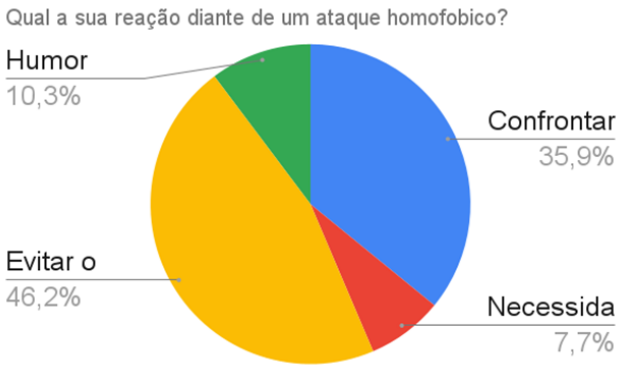
No livro "Por uma Gestalt-terapia crítica e política: relações raciais, gênero e diversidade sexual", Alvim *et al.* (2022) discutem como os seres humanos se transformam à medida que são inseridos em diferentes grupos sociais. Essa perspectiva aborda tanto a natureza multifacetada da identidade quanto a concepção de que ela é moldada e alterada em interação com diversos aspectos culturais.

A questão subsequente está diretamente relacionada à anterior, pois busca identificar qual emoção predominou diante dos ataques odiosos. A emoção mais frequentemente relatada pelos participantes foi a raiva, com uma porcentagem de 17,9%, seguida pela ansiedade, com 7,7%. Outras emoções, como tristeza, surpresa e vergonha, foram igualmente mencionadas por 5,1% dos participantes, enquanto o nojo foi a emoção menos vivenciada, com apenas 2,6%. Vale destacar que mais da metade dos entrevistados, exatamente 57,9%, afirmou não ter

experimentado nenhuma das emoções listadas na pergunta anterior. Esse dado sugere que, para uma parcela significativa da amostra, os ataques odiosos não geraram reações emocionais tão intensas, o que pode refletir diferentes formas de enfrentamento ou distanciamento emocional diante de situações de violência verbal.

Seguindo a análise das respostas, a questão subsequente investigou as reações dos participantes diante de uma situação preconceituosa. De acordo com os dados do Gráfico 03, 35,9% afirmaram que confrontam diretamente a pessoa envolvida, enquanto 46,2% preferem evitar o conflito. Outros 10,3% relataram sentir-se com humor deprimido e 7,7% indicaram a necessidade de se isolar. Esses resultados refletem as diferentes formas de enfrentamento diante de atitudes discriminatórias, revelando que, enquanto uma parte dos participantes escolhe confrontar as situações de forma direta, muitos optam por evitar o confronto, o que pode ser uma estratégia para evitar o estresse emocional ou a escalada do conflito. Assim, tanto a ausência de reações emocionais intensas quanto as diferentes estratégias de enfrentamento indicam que as respostas a esses ataques são multifacetadas e dependem de variáveis individuais e contextuais.

Gráfico 03 - Resposta a um ataque discriminatório.



Fonte: Autoria Própria

É possível observar que as reações dos entrevistados variam consideravelmente, refletindo as diferentes percepções e vivências pessoais de cada um. Embora a raiva se destaque como a emoção predominante, muitos participantes adotam uma postura de evitação ou retração quando confrontados com situações de conflito, indicando que nem todos reagem de maneira intensa ou imediata a ataques odiosos. Isso evidencia a complexidade emocional e comportamental diante de episódios de discurso de ódio, sugerindo que as respostas podem ser influenciadas por fatores como personalidade, experiências anteriores e até mesmo o contexto social em que a pessoa se encontra. Essa diversidade nas reações também aponta para a

necessidade de estratégias de intervenção que considerem as diferentes formas de enfrentamento e as dinâmicas emocionais envolvidas em tais situações.

> A alienação e o adiamento do desenvolvimento de uma identidade positiva nas pessoas LGBT+ devido a diferentes níveis de ocultação ou invisibilidade e à internalização do estigma sexual ou de gênero, podem acarretar na diminuição progressiva da autoestima, no processo de isolamento e na presença de comportamentos suicidas. (Costa, Falcão e Drehmer, 2022, p. 55).

Quando questionados sobre o impacto das falas odiosas em suas vidas acadêmica e pessoal, 20,5% relataram um impacto extremo, 26,3% um impacto significativo, 28,2% um impacto moderado e 20,5% afirmaram não ter experimentado nenhum impacto, como ilustrado no Gráfico 04.

Gráfico 04 - Impacto de discursos de ódio na trajetória acadêmica e pessoal.

Fonte: Autoria Própria.

Segundo Ferrão, Carvalho e Coacci (2019), estudos indicam que esse ambiente marcado pelo machismo e pela LGBTfóbia provoca diversos impactos, incluindo aqueles observados dentro da sala de aula. Entre os principais efeitos, destacam-se: fragilidade no bem-estar emocional, prejuízos nas interações sociais entre estudantes e professores, queda no desempenho acadêmico, insegurança, submissão, hierarquização, estigmatização, exclusão social, desinteresse pela educação formal, evasão escolar, distorção da visibilidade ou invisibilidade dos indivíduos, além de vulnerabilidade, passividade, dependência, dificuldades na formação da identidade e baixa autoestima.

Nesse sentido, a análise psicossocial proposta neste trabalho busca compreender como os impactos de um contexto machista e LGBTfóbico influenciam tanto o comportamento e o

bem-estar individual quanto as dinâmicas sociais e culturais presentes no ambiente escolar. Ao adotar uma abordagem investigativa, as questões levantadas buscam entender a interação entre os fatores internos, como as emoções e as percepções dos sujeitos, e os fatores externos, que incluem as normas sociais, as relações de poder e as construções históricas que moldam a realidade vivenciada pelos indivíduos. Dessa forma, o estudo leva em consideração a complexa relação entre o indivíduo e o ambiente, respeitando a inseparabilidade entre esses dois elementos.

Segundo Guimarães (2009, p. 560):

> Considerando que cada pessoa está inserida num determinado contexto sócio-histórico com suas mais diversas e variadas condições de ser e estar no mundo. Com isso, as experiências de vida vão adquirindo significados a partir do conhecimento e do reconhecimento de si, de quem se quer ser, ao qual grupo se pertence e, inclusive, da apropriação de determinados discurso que produzem sentido.

A próxima pergunta foi formulada para compreender como os participantes lidam com o fenômeno abordado em diferentes aspectos de suas vidas e de que maneira se relacionam com ele. Ao serem questionados sobre as estratégias utilizadas para enfrentar essa dificuldade, que gera bloqueios nas interações, 42,1% dos participantes buscam apoio psicológico, 34,2% conversam com amigos e familiares, e 23,7% não tomam nenhuma medida, conforme mostrado no Gráfico 05.

Gráfico 05 - Estratégias utilizadas para enfrentarem discurso de ódio.

Fonte: Autoria Própria.

Sampaio e Sousa (2022), na maioria das vezes, o resultado da falta de suporte das instituições educacionais e da própria família é a marginalização como via de sobrevivência dessas sujeitas.

São questionados também sobre como se sentem no ambiente acadêmico, as respostas obtidas são que 64,1% acreditam que a instituição acadêmica promovem um ambiente incluso

para pessoas LGBTQIA+ e 35,9% não se sentem seguros no ambiente acadêmico. É questionado além disso se sentem seguros expressando sua identidade de gênero e/ou orientação sexual e 53,8% não se sentem seguros como gostariam e 46,2% se sentem totalmente seguros sobre suas identidades de gênero ou orientação sexual.

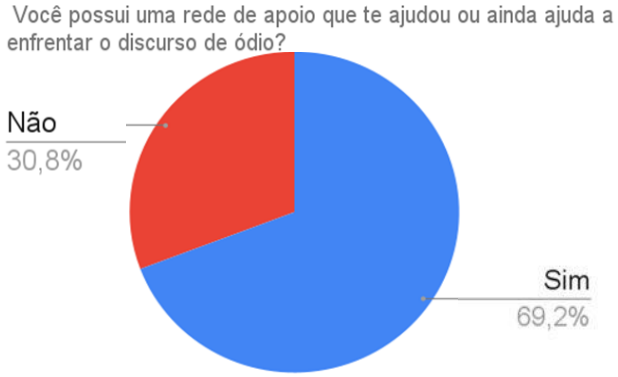
De acordo com Moretti-Pires, Vieira e Finkler (2022, p. 08), "a universidade era concebida como o local em que poderiam estabelecer relacionamentos afetivos de ambientes seguros, mas ao se defrontaram com situações de constrangimento e deslegitimação das dissidências da heterossexualidade, relatam reforço nos ressentimentos e baixa autoestima".

É indagado aos entrevistados se participam de eventos e atividades voltadas para a comunidade LGBTQIA+ os resultados obtidos foram que 82,1% não participam de quaisquer atividades voltadas para a comunidade pesquisada, apenas 2,6% participam sendo 7,7% de paradas de orgulho, 2,6% de simpósios ou conferencias, 10,4% de festivais de músicas ou cultura e 0% de eventos esportivos. Os resultados indicam que uma grande maioria dos entrevistados não participa de eventos ou atividades externas à comunidade LGBTQIA+, o que pode refletir questões de exclusão social ou falta de identificação com os espaços disponíveis.

Ao serem questionados sobre o impacto do discurso de ódio sua autoestima 69,2% acreditam que os preconceitos e discriminações afetam negativamente sua autoestima, 20,5% não sentem tal impacto em suas autoestimas e 10,3% não sabem. Para Oliveira *et al.* (2023) o preconceito que atinge diferentes grupos como mulheres, homossexuais e indígenas causam um profundo sentimento de tristeza, vergonha e baixa autoestima, e evoluem para casos graves como depressão, isolamento social e até tentativas de autoextermínio.

Diante das perguntas feitas, também foi questionado se os acadêmicos possuem uma rede de apoio para lidar com os preconceitos em suas diversas formas. Os resultados mostram que 69,2% têm algum tipo de suporte, como apoio familiar, social ou institucional, o que facilita o enfrentamento dessas situações. Por outro lado, 30,8% não possuem uma rede de apoio, o que pode aumentar sua vulnerabilidade frente à discriminação. Esses dados, apresentados no Gráfico 06, destacam a importância do apoio social como um fator essencial para lidar com os desafios enfrentados no ambiente acadêmico.

Gráfico 06 - Rede de apoio para enfrentar o discurso de ódio.



Fonte: Autoria Própria.

A falta de apoio aos jovens LGBTQIA+ pelas diversas instituições sociais, a exemplo da escola e família, como limitador dos direitos e proteção, assim como também levam esses jovens a uma vulnerabilidade maior a eventos que podem afetar negativamente a saúde mental Guimarães (2009).

O questionário por ser semiestruturado possui perguntas abertas para que pudesse coletar informações mais subjetivas de cada entrevistado foi feito então a seguinte pergunta: "Na sociedade atual, você acredita que a liberdade de expressão pode ser confundida com o discurso de ódio? De que maneira isso compromete a subsistência da comunidade LGBTQIA+?" Algumas respostas coletadas foram:

Resposta 1: "Discursos de ódio mascarados de opinião podem espalhar estigmas acerca da comunidade LGBTQIA+. Por isso é importante saber diferenciar uma liberdade de expressão de um discurso de ódio".

Resposta 2: "Sim, o medo de disser quem você é, e alguém escutar e acabar apanhando ou ser humilhada. Então acredito, que as vezes o medo da violência física ou verbal nós impede de ser quem somos".

Resposta 3: " No nível social, essa confusão entre liberdade de expressão e ódio compromete a construção de uma sociedade mais inclusiva e justa. Ela legitima comportamentos discriminatórios e pode influenciar políticas públicas que negam direitos a comunidade LBTQIA+, como o casamento igualitário, proteção contra discriminação no ambiente de trabalho".

Resposta 4: " Sim. Uma vez que as pessoas acham que podem dizer o que pensam sem refletir no impacto das suas falas na vida das outras pessoas isso leva a quem pertence a comunidade se retrair, retirando-se dos lugares sociais, desenvolvendo estados de medo, ansiedade e tristeza". Há uma necessidade de mais estudos voltados para a saúde mental da

população LGBT, de modo a elucidar a dimensão do impacto negativo que a intolerância das diferenças tem sobre estes indivíduos e, desta forma, realçar as formas de combatê-la.

As respostas coletadas por meio do questionário semiestruturado evidenciam a intricada relação entre a confusão de liberdade de expressão e discurso de ódio, e seus impactos profundos na subsistência da comunidade LGBTQIA+. As falas dos entrevistados refletem a disseminação de estigmas por meio de discursos de ódio disfarçados de opiniões, o que gera sentimentos de medo, insegurança e inibição na expressão plena da identidade de indivíduos LGBTQIA+. Essa dinâmica também é observada no âmbito social mais amplo, uma vez que tal confusão legitima comportamentos discriminatórios e compromete a construção de uma sociedade mais inclusiva. Portanto, compreender a distinção entre liberdade de expressão e discurso de ódio é imperativo para fomentar a saúde mental e a inclusão social da comunidade LGBTQIA+.

Uma outra pergunta aberta é "Quais são os efeitos mais duradouros que o discurso de ódio teve em sua saúde mental ou bem-estar?". Algumas respostas obtidas foram:

Resposta 1: "Autoestima reduzida, isolamento social e solidão e aumento da ansiedade e depressão".

Reposta 2: "achar que os meus sentimentos eram errados, e me relacionar com o sexo oposto não por gostar da pessoa em questão mas sim para não ser vista de forma diferente"

Resposta 3: "Ansiedade, auto-insuficiência, comparações com homens por ouvir que não tenho o órgão genital deles, inclusive de meninas que ainda estão se descobrindo. Com esses discursos, a sensação que passa é que não importa o que fazemos, nunca seremos um homem e teremos os privilégios deles. Isso machuca".

Resposta 4: "Sensação de incapacidade e como se tivesse cometendo um crime como se fosse algo que a gente pudesse escolher".

O preconceito, a discriminação e o estigma podem, também, ter um impacto negativo na autoestima das pessoas LGBT, uma vez que, numa sociedade em que as atitudes relativas à homossexualidade são negativas, a criança homossexual, interioriza, desde cedo, essas atitudes a respeito da identidade sexual (Oliveira *et al.*, 2023).

A última pergunta feita aos entrevistados é "Em sua opinião, o que poderia ser feito para melhorar o combate ao discurso de ódio?". Todas as respostas coletadas partem do pressuposto de conscientização e educação sobres todos os modos de se existir.

Resposta 1: "Acredito que falta de conscientização não é. As pessoas precisam diminuir a visão estereotipada e estigmatizada da comunidade LGBTQIA+".

Resposta 2: “ Mais empatia das pessoas”.

Resposta 3: “A luta é grande, não sei como fazer isso. Mas sempre que vejo uma piadinha eu rebato, se houver algo em minha frente eu defendo a pessoa, mesmo sem conhecer”.

Em suma, os dados coletados evidenciam a profunda relação entre o discurso de ódio e os impactos negativos na saúde mental da comunidade LGBTQIA+. As vozes dos entrevistados ressaltam a necessidade de conscientização e empatia como ferramentas essenciais para enfrentar esses desafios, destacando a urgência de promover um ambiente mais inclusivo e respeitoso, onde todos possam expressar sua identidade livremente.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo investigar a complexa relação entre liberdade de expressão e discurso de ódio, focando na análise psicossocial das experiências vividas por acadêmicos da comunidade LGBTQIA+ da instituição UNIVAR. A pesquisa revelou dados significativos que evidenciam a importância de um ambiente acadêmico inclusivo e acolhedor, bem como a necessidade de estratégias eficazes para combater o discurso de ódio.

Outro aspecto relevante diz respeito ao impacto das falas odiosas na vida acadêmica dos participantes. Os dados apontaram que uma parte específica dos entrevistados sente que tais discursos geram impactos significativos em sua vida acadêmica e pessoal, evidenciando a necessidade de intervenções institucionais. A percepção de um ambiente acadêmico inclusivo ainda é desigualmente distribuída entre os entrevistados, o que sinaliza a urgência.

As respostas abertas ao questionário enfatizaram a confusão existente entre liberdade de expressão e discurso de ódio, feitas que muitos acadêmicos sentiram que suas vozes são silenciadas pelo medo da violência, tanto verbal quanto física. A necessidade de conscientização e educação para combater estigmas e preconceitos foi um tema recorrente nas respostas.

Portanto, este estudo não apenas contribui para a compreensão da experiência da comunidade LGBTQIA+ no contexto acadêmico, mas também propõe reflexões sobre a importância de distinguir liberdade de expressão de discurso de ódio. As implicações práticas deste trabalho sugerem que as instituições de ensino devem adotar políticas que promovam a inclusão, garantam a segurança dos estudantes e incentivem o diálogo aberto sobre identidade e diversidade. É necessário que se desenvolvam ações voltadas para a saúde mental da população LGBTQIA+, buscando promover um ambiente onde todos possam se sentirem pertencentes.

Por fim, a pesquisa evidencia que a luta contra o discurso de ódio vai além do simples reconhecimento das vozes marginalizadas; ela envolve a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. Nesse contexto, a liberdade de expressão deve ser respeitada de maneira plena, mas sem ser usada como justificativa para a propagação de discursos de ódio e discriminação. O estudo conclui que a conscientização e a educação desempenham papéis cruciais na promoção de uma cultura de respeito à diversidade, sendo ferramentas essenciais para desmantelar preconceitos e fomentar a convivência pacífica. Para alcançar esse objetivo, é fundamental que a sociedade como um todo compreenda os limites da liberdade de expressão e o impacto negativo de discursos que incitam violência e intolerância. Assim, a criação de um ambiente mais inclusivo depende do compromisso coletivo com a educação, a empatia e a proteção dos direitos humanos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, Dandara Christine Alves et al. **Estratégias e práticas para trabalhos acadêmicos e científicos.** Barra do Garças, MT - Centro Universitário do Vale do Araguaia (UNIVAR) 2024, PDF. 248p.

ALVIM, Mônica; BARROS, Paulo; ALENCAR, Sílvia; BRITO, Vanessa**. Por uma Gestalt-terapia crítica e política: relações raciais, gênero e diversidade sexual**. Porto Alegre: Fi, 2022. 772p.

COSTA, António Manuel de Almeida et al. **Liberdade de expressão, liberdade de imprensa e discurso de ódio: actas do colóquio**. Livro de Atas de Conferência Internacional. 2020.

COSTA, Angelo; FALCÃO, Carolina; DREHMER, Luciana. **Psicoterapia e cuidados na saúde mental da população LGBT+: um guia para psicoterapeutas e profissionais de saúde mental.** Porto Alegre: Editora da PUCRS, 2022. 81p.

FERRÃO, Dalcira; CARVALHO, Lucas Henrique de; COACCI, Thiago. **Psicologia, gênero e diversidade sexual: saberes em diálogo.** Belo Horizonte: CRP04, 2019.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008. 99p.

GUIMARÃES, Anderson Fontes Passos. O desafio histórico de “tornar-se um homem homossexual”: um exercício de construção de identidades. **Temas em Psicologia**, v. 17, n. 2, p. 553-567, 2009.

MONTE, Franciela Félix de Carvalho; MOURA, Maria Aline Rodrigues de; GUIMARÃES, Pâmela Rocha Bagano. Efeitos do discurso de ódio sobre o desenvolvimento sociomoral: ensaio teórico. **Revista de Educação da Universidade Federal do Vale do São Francisco**, v. 11, n. 25, p. 56-83, 2021.

MORETTI-PIRES, Rodrigo Otávio; VIEIRA, Marcelo; FINKLER, Mirelle. Violência simbólica na experiência de estudantes universitários LGBT. **Saúde e Sociedade**, v. 31, p. e200662pt, 2022.

OLIVEIRA, Amanda Soares; CASTRO, Nilsandra Martins de Castro. Discurso de Ódio em Relação à Minoria LGBT: O Problema da Liberdade de Expressão em Colisão com Demais Princípios. Constitucionais. **Facit Business and Technology Journal**, v. 1, n. 28, 2021.

OLIVEIRA, Vanessa et al. **Uma revisão sobre saúde mental e autoestima de lésbicas, gays, bissexuais e transexuais.** 2023. 15f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Medicina) - Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, Centro Universitário de Brasília, 2023.

OMMATI, José Emílio Medauar. **Liberdade de expressão e discurso de ódio na Constituição de 1988.** 6ª ed. Belo Horizonte: Conhecimento Livraria e Distribuidora, 2023**.**

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos:** cultura e processos de subjetivação. Curitiba: Appris, 2020. 301p.